

Paul Auster
Timbuktu

Tradução de
José Vieira de Lima

1

Mr. Bones sabia que Willy já não ia andar muito tempo neste mundo. A tosse não o largava havia mais de seis meses e agora é que ele já não tinha nem a mais remota hipótese de se ver livre dela. Lenta e inexoravelmente, sem nunca dar mostras de abrandar, a coisa ganhara uma vida própria, avançando de uma vaga farfalheira nos pulmões, cheia de muco, no dia 3 de Fevereiro, para as convulsões escarrentas e os arquejantes terremotos de monco e pus, no pino do Verão. Tudo isso já era suficientemente mau, mas, nas duas últimas semanas, infiltrara-se na música brônquica uma nova tonalidade — uma coisa tensa, silicosa, percussiva — e os ataques sucediam-se agora com tal frequência que eram quase constantes. Sempre que um desses ataques começava, Mr. Bones ficava quase à espera que o corpo de Willy explodisse à mercê daqueles paus de dinamite que rebentavam na sua caixa torácica. Imaginava que o sangue seria o próximo passo. Quando esse momento fatal finalmente chegou, na tarde de sábado, foi como se todos os anjos do céu tivessem aberto a boca e desatassem a cantar. Mr. Bones viu a coisa acontecer com os seus próprios olhos. Estava parado na berma da estrada entre Washington e Baltimore quando Willy escarrou dois ou três miseráveis coágulos de matéria vermelha para o seu lenço e, nesse preciso momento, nessa mesma berma, Mr. Bones ficou a saber que toda e qualquer réstia de esperança se havia esfumado. O cheiro da morte cravara-se em Willy G. Christmas e, tão certo como o sol ser uma lâmpada nas nuvens que se apagava e acendia todos os dias, também o seu fim ali estava, mesmo ao virar da esquina.

Que havia de fazer um pobre cão? Mr. Bones estava com Willy desde os seus tempos de cachorrinho, e agora era-lhe praticamente impossível imaginar um mundo em que o dono não estivesse presente. Todos os pensamentos, todas as memórias, todas as partículas da terra e do ar estavam impregnados da presença de Willy. Os hábitos custam a morrer, e sem dúvida que há alguma verdade no adágio que fala de cães velhos e novas habilidades¹, mas era mais do que mera afeição ou devoção aquilo que o levava a temer o que aí vinha. Era puro terror ontológico. Tirassem Willy do mundo e o mais provável era que o próprio mundo deixasse de existir.

Tal era o dilema com que Mr. Bones se debatia naquela manhã de Agosto enquanto se arrastava pelas ruas de Baltimore com o dono doente. Um cão sozinho não valia mais do que um cão morto e, mal Willy desse o último suspiro, Mr. Bones não teria outra coisa a esperar da vida senão o seu próprio fim. Há muitos dias que Willy o vinha advertindo para uma tal contingência e Mr. Bones já conhecia de cor todas as manhas: como evitar os guardas e os tipos que andavam à caça dos cães sem licença, as carrinhas das patrulhas e os carros da polícia sem identificação, os hipócritas das sociedades ditas humanas. Mesmo que nos falassem com toda a meiguice do mundo, a palavra «abrigo» tinha um só significado: uma grande enrascada. Aquilo começava com redes e espingardas com tranquilizantes, degenerava num pesadelo de jaulas e lâmpadas fluorescentes e acabava com uma injeção letal ou com uma dose de gás venenoso. Se pelo menos fosse um cão de raça, até era possível que tivesse algumas hipóteses de encontrar um novo dono nos concursos de beleza diários, mas a verdade é que o inseparável companheiro de Willy era uma completa embrulhada de traços genéticos — um bocado de *collie*, outro de *labrador*, outro de *spaniel*, outro ainda de *puzzle* canino — e, para piorar ainda mais as coisas, tinha umas rebarbas de porcaria espichando do pêlo andrajoso, fedores vários emanando da boca e uma perpétua tristeza injectada de sangue espreitando nos

¹ O adágio referido no original é *To teach an old dog new tricks*: «Ensinar novas habilidades a um cão velho»; na versão portuguesa: «Ensinar nova andadura a burro velho» ou «Burro velho não aprende línguas». (*N. do T.*)

olhos. Ninguém ia querer salvá-lo. Como o bardo sem abrigo gostava de dizer, o desfecho estava gravado no mármore. A menos que encontrasse rapidamente outro dono, o vira-lata estava condenado ao esquecimento.

— E se as espingardas com tranquilizantes não te apanharem — prosseguiu Willy, colado a um poste de iluminação naquela nevoenta manhã em Baltimore, única maneira de não se estatelar ao comprido —, há montes de outras coisas que te vão apanhar. Estou a avisar-te, *kemo sabe*². Ou arranja outro otário que fique contigo, ou podes crer que tens os dias contados. Repara-me bem no desconsolo desta cidade. Há um restaurante chinês em todos os quarteirões, e se pensas que os tipos não vão ficar com água na boca quando passares por eles na rua, então é porque não sabes peva de cozinha oriental. Eles pelam-se por carne de cão, amigo. Os cozinheiros apanham os cães vadios e abatem-nos no beco escuro que dá para a cozinha: dez, vinte, trinta cães por semana. Podem vendê-los por pato ou por porco, mas os conhecedores sabem distinguir muito bem, os *gourmets* não se deixam endrominar. Se não queres acabar numa travessa de *moo goo gai pan*³, vais ter de pensar duas vezes antes de desatares a dar ao rabo diante de uma daquelas tascas chinas. Estás a ver aonde eu quero chegar, Mr. Bones? Conhece o teu inimigo, e mantém-te ao largo.

Mr. Bones compreendia. Compreendia tudo o que Willy lhe dizia. Sempre fora assim desde que se lembrava, e agora o seu entendimento do *ingloosb*⁴ era tão bom como o de qualquer outro imigrante ao fim de sete anos em solo americano. Era a sua segunda língua, é claro, e completamente diferente daquela que a mãe lhe ensinara; e embora a sua pronúncia deixasse algo a desejar, dominava na perfeição todas as peculiaridades da sintaxe e da gramática. Nada disto deveria ser considerado estranho ou invulgar para um animal com a inteligência dele. A maior parte dos cães

² «Amigo leal» ou «Amigo fiel». A expressão *kemo sabe* (de eventual origem índia) vem das aventuras de *The Lone Ranger*, que a televisão popularizou nos anos 50. (*N. do T.*)

³ Por mera curiosidade, note-se que, normalmente, este é um prato confeccionado com galinha. (*N. do T.*)

⁴ A língua inglesa numa versão menos «pura», produto das inúmeras influências das línguas dos imigrantes. (*N. do T.*)

adquire um bom conhecimento prático da linguagem dos duas patas, mas, no caso de Mr. Bones, havia a vantagem de lhe ter calhado em sorte um dono que não o tratava como uma criatura inferior. Eram bons camaradas desde o primeiro momento. Para isto contribuiu o facto de Mr. Bones ser não só o melhor amigo de Willy, mas também o seu único amigo. Se considerarmos ainda que Willy era um homem apaixonado pelo som da sua própria voz, um genuíno e ferrenho logomaníaco que não conseguia parar de falar desde o instante em que abria os olhos de manhã até que caía de bêbedo à noite, ninguém estranhará que Mr. Bones tivesse acabado por se sentir tão à vontade no linguajar nativo. Tudo considerado, a única surpresa residirá por certo no facto de Mr. Bones não ter aprendido a falar melhor. Não que ele não se tivesse esforçado seriamente por isso, mas a verdade é que a biologia estava contra ele. Com aquela configuração de focinho, dentes e língua que o destino lhe impingira, não era de admirar que não conseguisse fazer melhor do que emitir uma série de latidos, bocejos e uivos, enfim, um tipo de discurso desgarrado e atabalhado. Estava dolorosamente consciente da imensa distância que separava esses ruídos da linguagem humana, mas Willy deixava-o sempre botar palavra e, no fundo, o que realmente contava era isso. Mr. Bones tinha toda a liberdade para exprimir a sua opinião e, sempre que o fazia, o dono prestava-lhe toda a atenção, de tal forma que se alguém atentasse por um momento na expressão de Willy enquanto observava o amigo a debater-se para imitar os membros da tribo humana, por certo juraria que ele não perdia uma única palavra.

Contudo, naquele sombrio domingo em Baltimore, Mr. Bones não abriu boca. Não lhes restavam mais do que uns quantos dias juntos, talvez mesmo não mais que umas horas, e aquele não era o momento indicado para se dedicar a longos discursos ou contorções malucas, nem tão-pouco para se entregar às velhas momices. Certas situações exigiam tacto e disciplina e, tendo em conta o transe por que estavam a passar, seria sem dúvida preferível ficar de bico calado e comportar-se como um cão atinado e leal. Sem um protesto, deixou que Willy lhe enfiasse a trela na coleira. Não ganiu uma única vez por não ter comido nada nas últimas trinta e seis

horas; não farejou o ar à procura de odores de fêmea; não parou para mijar em todos os candeeiros de iluminação e bocas de incêndio. Limitou-se a caminhar ao lado de Willy, acompanhando o dono ao longo das avenidas vazias, em busca do número 316 de Calvert Street.

Mr. Bones não tinha nada contra Baltimore em si mesma. Não cheirava pior do que qualquer outra cidade em que tinham acampado ao longo dos anos, mas, ainda que compreendesse o objectivo da viagem, afligia-o pensar que um homem pudesse resolver passar os seus últimos momentos num sítio onde nunca havia estado. Um cão nunca cometeria esse disparate. Faria as pazes com o mundo e depois trataria de ir desta para melhor num local conhecido, familiar. Mas Willy ainda tinha duas coisas para fazer antes de morrer e, com a sua típica obstinação, metera na cabeça que, em todo o mundo, só havia uma pessoa capaz de o ajudar. O nome dessa pessoa era Bea Swanson e, como o último paradeiro conhecido da dita Bea Swanson era Baltimore, para Baltimore tinham seguido na esperança de a encontrarem. Tudo isso estava muito bem, sim senhor, nada a opor, mas imaginemos que o plano de Willy falhava. Mr. Bones ficaria só e desamparado naquela cidade de pastéis de caranguejo⁵ e degraus de mármore e, assim sendo, o que é que ia ser dele depois? Um telefonema teria resolvido o caso em meio minuto, mas Willy tinha um horror filosófico ao telefone quando precisava de tratar de assuntos importantes. Preferia caminhar dias a fio a pegar numa dessas engenhocas e falar com alguém que não podia ver. De maneira que ali estavam eles, a mais de trezentos quilómetros de casa, deambulando sem mapa pelas ruas de Baltimore, à procura de uma morada que podia ou não existir.

Quanto às duas coisas que Willy esperava ainda realizar antes de morrer, não se pode dizer que uma fosse mais importante do que a outra. Para ele, ambas tinham exactamente a mesma fundamental importância; e como o tempo estava a tornar-se demasiado escasso para tratar delas separadamente, congeminara aquilo a que chamava o *Plano Chesapeake*⁶: uma

⁵ *Crab cakes*, bolinhos de caranguejo muito populares em Maryland, designadamente em Baltimore. (N. do T.)

⁶ Do nome da baía que banha Baltimore. (N. do T.)

manobra de última hora para matar dois coelhos de uma cajadada. O primeiro coelho foi já discutido nos parágrafos anteriores: encontrar um novo poiso para o seu lanzudo companheiro. O segundo consistia em dar um destino seguro às suas próprias coisas e certificar-se de que os manuscritos ficavam em boas mãos. Naquele momento, a obra da sua vida estava enfiada num cacifo que alugara no terminal dos autocarros *Greyhound*, em Fayette Street, dois quarteirões e meio a norte do local onde ele e Mr. Bones se encontravam. A chave estava no seu bolso e, caso não descobrisse uma criatura verdadeiramente digna de ficar com ela, todas as palavras que escrevera seriam destruídas, condenadas ao arbítrio alheio como qualquer bagagem não reclamada.

Ao longo de vinte e três anos, desde que atribuíra a si próprio o apelido de «Christmas», Willy encherá as páginas de setenta e quatro cadernos com os seus escritos: poemas, histórias, ensaios, notas de diário, epigramas, meditações autobiográficas e os primeiros mil e oitocentos versos de uma epopeia em progressão, intitulada *Dias Vagabundos*. A maior parte desta extensa obra fora escrita na mesa da cozinha do apartamento da mãe, em Brooklyn, mas, após a sua morte, há cerca de quatro anos, Willy vira-se obrigado a escrever ao ar livre, travando constantes batalhas contra os elementos em parques públicos e becos poeirentos, para além da batalha que era pôr os pensamentos no papel. No mais recôndito do seu ser, Willy não tinha a mínima ilusão a respeito de si mesmo. Sabia que era uma alma perturbada e que chumbara no exame de aptidão a este mundo, mas também sabia que havia muita coisa boa enterrada naqueles cadernos — e, nesse particular, pelo menos tinha todas as razões para andar de cabeça bem erguida. Se tivesse sido mais escrupuloso com a sua medicação, ou se o seu corpo tivesse saído um bocadinho mais forte, ou se não tivesse gostado tanto de cerveja e de bebidas espirituosas e do rebuliço dos bares, quem sabe se não teria produzido ainda mais coisas boas? Isso era perfeitamente possível, mas, enfim, agora já era demasiado tarde para repisar lamentações e erros. Escrevera a última e derradeira frase e o tiquetaque do relógio estava prestes a calar-se. As palavras que guardara no cacifo eram

tudo o que tinha para deixar de si. Se as palavras desaparecessem, seria como se ele nunca tivesse existido.

E era precisamente aqui que Bea Swanson entrava em cena. Willy sabia que era quase como procurar agulha em palheiro, mas estava convencido de que — se e quando conseguisse encontrá-la — ela moveria céu e terra para o ajudar. Há muito, muito tempo, era o mundo ainda jovem, Mrs. Swanson fora a sua professora de Inglês na escola secundária e, se não fosse ela, dificilmente Willy teria achado em si a coragem de se imaginar escritor. Por essa altura, era ele ainda William Gurevitch, um escanzelado rapaz de dezasseis anos com uma paixão por livros e *bebop*, Mrs. Swanson acolhera-o sob as suas asas, cumulando os primeiros escritos do aluno com louvores tão excessivos, tão desproporcionados em relação ao seu verdadeiro mérito, que ao fim de algum tempo ele já se via como a próxima grande esperança da literatura americana. Não está em causa se ela estava certa ou errada em fazer o que fez, pois, nessa fase, os resultados são menos importantes do que as promessas, e Mrs. Swanson reconhecera o talento dele, enxergara a centelha que ardia naquela alma tenra, e nenhuma criatura consegue ser alguma coisa nesta vida se não houver alguém que acredite nela — é um facto provado. Enquanto o resto da turma da Midwood High School via Mrs. Swanson como uma atarracada quarentona com uns braços tão gordos que pulavam e saracoteavam sempre que ela se punha a escrever no quadro, Willy por seu lado considerava-a bela, um anjo que descera do céu e vestira uma forma humana.

No Outono, contudo, quando a escola recomeçou, Mrs. Swanson já lá não estava. O marido tinha um emprego novo, em Baltimore, e como Mrs. Swanson, para além de ser professora, também era esposa, que escolha tinha ela senão deixar Brooklyn e ir atrás de Mr. Swanson? Foi um rude golpe para Willy, mas podia ter sido pior, pois a sua mentora, apesar de estar muito longe, não o esquecera. Nos anos que se seguiram, Mrs. Swanson manteve uma animada correspondência com o seu jovem amigo, continuando a ler e a comentar os manuscritos que ele lhe enviava, lembrava-se dos seus aniversários e oferecia-lhe velhos discos de Charlie Parker e sugerindo-lhe pequenas revistas para onde poderia começar a enviar os

seus escritos. A arrebatada e entusiástica carta de recomendação que escreveu para Willy no último ano do secundário, ajudou-o a conquistar uma bolsa para ingressar na Universidade de Columbia. Mrs. Swanson era a sua musa, a sua protectora e o seu amuleto da sorte, uma espécie de tudo em um e, nessa fase da vida de Willy, o céu era indiscutivelmente o limite. Até que veio o flipanço esquizóide de 1968, o desvairado fandango da verdade e suas conseqüências num fio de alta tensão. Encerraram-no num hospital e, depois de seis meses de electrochoques e terapia psicofarmacológica, Willy nunca mais voltou a ser o mesmo. Tinha ingressado no exército dos destroços andantes; e embora continuasse a produzir poemas e histórias em grande quantidade, a escrever tanto na doença como na saúde, raramente lhe dava para responder às cartas de Mrs. Swanson. As razões eram irrelevantes. É possível que se sentisse demasiado constrangido para se manter em contacto com ela. É possível que andasse distraído, preocupado com outras coisas. É possível que tivesse perdido a confiança nos correios americanos e que tivesse começado a suspeitar que os carteiros espionavam as cartas. Fosse como fosse, o certo é que a sua correspondência com Mrs. Swanson, outrora volumosa, minguou de forma drástica. Durante um ou dois anos, limitou-se ao esporádico e inconsequente postal, depois ao cartão de Natal comprado em loja, até que, em 1976, parou definitivamente. Desde então, entre os dois não houve tão-pouco a troca de uma sílaba.

Mr. Bones estava a par de tudo isto, e daí que tivesse boas razões para se sentir preocupado. É que já tinham passado dezassete anos! Gerald Ford era o presidente americano por essa altura e, por amor de Deus, ele próprio teria de esperar ainda uma década para ver a luz do dia! Quem é que Willy estava a tentar enganar? Bastava pensar na quantidade de coisas que podem acontecer em dezassete anos. Bastava pensar nas mudanças que podem ocorrer em dezassete horas ou dezassete minutos — quanto mais em dezassete anos! No mínimo, era provável que Mrs. Swanson tivesse mudado de casa. A velhota estaria agora à beira dos setenta e, caso não estivesse senil ou a viver num parque de caravanas na Florida, eram mais que muitas as hipóteses de que estivesse morta. Willy admitira isso mesmo quando se fizeram às ruas de Baltimore nessa manhã, mas, porra!, dissera

ele, a verdade é que não tinham alternativa, e se a vida não passava de um jogo afinal, por que raio é que ele não havia de apostar tudo naquele número?

Ah, Willy! Contara tantas histórias, falara com tantas vozes diferentes, falara de tantas e tão diversas maneiras ao mesmo tempo, que Mr. Bones já não sabia em que acreditar. Onde estava a verdade, onde estava a mentira? Era difícil de saber quando se lidava com uma personalidade tão complexa e fantasiosa como a de Willy G. Christmas. Mr. Bones podia ter certezas quanto às coisas que vira com os seus próprios olhos, quanto aos acontecimentos que sentira na própria pele, mas ele e Willy estavam juntos apenas há sete anos e, no que tocava aos factos relativos aos trinta e oito anos anteriores, dependia muito do que tinha conseguido apanhar. Se não tivesse passado a sua cachorrice debaixo do mesmo tecto que a mãe de Willy, toda a história teria ficado envolta na mais absoluta escuridão; mas, depois de ter ouvido Mrs. Gurevitch e de ter confrontado as suas afirmações com as do filho, Mr. Bones conseguira alinhar uma imagem razoavelmente coerente daquilo que fora o mundo de Willy antes de ter entrado nele. Falavam mil e um pormenores. Mil e um pormenores emergiam confusos, mas Mr. Bones tinha uma ideia geral do quadro, uma noção dos elementos que o integravam e que dele se excluía.

E o quadro geral, num apartamento cuja atmosfera fora tantas vezes poluída pela amargura e pelo desespero, não era rico nem alegre. Para começar, e considerando tudo aquilo por que a família tinha passado antes de desembarcar na América, era provavelmente um milagre que David Gurevitch e Ida Perlmutter tivessem conseguido pôr um filho neste mundo. Dos sete filhos nascidos aos avós de Willy em Varsóvia e Lodz, entre 1910 e 1921, David e Ida foram os únicos que sobreviveram à guerra. Só eles não tiveram números tatuados nos antebraços, só a eles foi concedida a ventura da fuga. Mas isso não significava que tivessem passado um bom bocado, bem pelo contrário, e Mr. Bones ouvira uma quantidade de histórias capazes de deixarem arrepiado o mais empedernido dos cães: havia os dez dias que tinham passado escondidos nas condutas do sótão em Varsóvia; havia a caminhada de um mês desde Paris até à Zona Livre no sul, dormindo em

palheiros e roubando ovos para não morrerem à fome; havia o campo de refugiados em Mende, o dinheiro gasto em subornos para obterem salvos-condutos, os quatro meses de inferno burocrático em Marselha enquanto esperavam pelos vistos espanhóis. E depois veio o longo coma de imobilidade em Lisboa, o filho nado-morto que Ida teve em 1944, os dois anos a olharem para o Atlântico enquanto a guerra se arrastava e o dinheiro deles se esfumava. Quando os pais de Willy chegaram a Brooklyn, em 1946, aquilo que então começava para eles não era uma nova vida, mas antes uma vida póstuma, um intervalo entre duas mortes. O pai de Willy, outrora um jovem e brilhante advogado na Polónia, lá acabou por arranjar emprego depois de muito mendigar junto de um longínquo primo, tendo passado os treze anos seguintes em viagens de metro desde a Sétima Avenida até a uma fábrica de botões na Rua 28 Oeste. No primeiro ano, a mãe de Willy ainda conseguiu equilibrar o orçamento, dando lições de piano no apartamento a putos judeus, mas isso acabou numa manhã de Novembro de 1947 quando Willy, com a sua carita de boneco, assomou entre as pernas da mãe e, inesperadamente, se recusou a parar de respirar.

Cresceu americano, um rapaz de Brooklyn que jogava *stickball*⁷ nas ruas, que lia a revista *Mad* à noite, debaixo dos cobertores, e que ouvia Buddy Holly e *The Big Bopper*. Nenhum dos seus progenitores seria capaz de compreender tais coisas, mas tanto melhor para Willy, visto que, nessa fase, o seu grande objectivo na vida consistia em convencer-se a si próprio de que aqueles não eram os seus pais verdadeiros. Achava-os umas criaturas estrambóticas, uns completos atrasos de vida, um par de panhonhas com aquele sotaque polaco e aquelas maneiras afectadas de estrangeiros; e, sem que precisasse de pensar muito no caso, compreendeu que a sua única esperança de sobrevivência consistia em resistir-lhes em toda e qualquer circunstância. Quando o pai bateu a bota aos quarenta e nove anos com um ataque cardíaco, o desgosto de Willy foi mitigado por um secreto sentimento de alívio. Tinha apenas doze anos, estava ainda com um pé na

⁷ Beisebol de rua: o taco era um cabo de vassoura, a bola obviamente mais leve do que a usada no beisebol. (*N. do T.*)

infância e outro na adolescência, mas já tinha elaborado uma filosofia para toda a vida, a qual consistia em afazer-se à desgraça onde quer que ela estivesse. Quanto mais miserável era a nossa vida, mais perto estávamos da verdade, do fragoso cerne da existência — e haveria algo de mais terrível do que perdermos o nosso velho seis semanas depois de termos feito doze anos? Era uma coisa que nos marcava como uma figura trágica, que nos punha à margem do círculo vicioso das vãs esperanças e das ilusões sentimentais, que nos dava uma aura de genuíno sofrimento. Mas a verdade é que Willy não sofreu por aí além. O pai sempre fora um enigma para ele, um homem propenso a silêncios capazes de durarem uma semana e a súbitas explosões de raiva e, mais do que uma vez, dera-lhe valentes sovas por infrações mínimas e perfeitamente insignificantes. Não, não era difícil um tipo conformar-se com uma vida sem aquele saco de explosivos. Não custava mesmo nada.

Ou, pelo menos, era o que considerava o bom Herr Doktor Bones. Podemos ignorar a opinião dele, somos livres de o fazer, claro que somos, mas haverá mais alguém em quem possamos confiar? Depois de ter ouvido todas estas histórias durante sete anos a fio, não teria ele ganho o direito de ser considerado a maior autoridade mundial na matéria?

De maneira que Willy ficou sozinho com a mãe. Mrs. Gurevitch não seria propriamente uma pessoa divertida, mas pelo menos, só usava as mãos para as suas próprias necessidades, para além de o presentear com consideráveis quantidades de afeição, com uma quentura de coração que chegava para contrabalançar os períodos em que lhe ralhava e lhe pregava sermões, deixando-o completamente exasperado. De um modo geral, Willy procurava ser um bom filho. Naqueles raros momentos em que conseguia parar de pensar em si mesmo, até era capaz de fazer um esforço para ser simpático com ela. Se tinham as suas disputas, isso devia-se menos a uma animosidade pessoal do que ao facto de possuírem visões do mundo rigidamente opostas. Pela experiência duramente adquirida, Mrs. Gurevitch sabia que o mundo existia para lhe tramar a vida, pelo que vivia de acordo com esse conhecimento, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para estar sempre a milhas de toda e qualquer possibilidade de

perigo. Willy também sabia que o mundo existia para lhe tramar a vida, mas, ao contrário da mãe, não se coibia de ripostar. A diferença não residia no facto de um ser pessimista e o outro optimista, mas sim no facto de o pessimismo de um ter conduzido a um etos de medo, ao passo que o pessimismo do outro produzira um ruidoso e refractário desdém por Tudo Aquilo Que Existia. Um encolhia-se, o outro esbravejava. Um nunca passava a linha, o outro estava sempre do lado contrário. Andavam muitas vezes de candeias às avessas; e como para Willy era fácilmo chocar a mãe, raramente perdia uma oportunidade para provocar uma discussão. Se ao menos ela tivesse a argúcia de recuar um pouco, Willy provavelmente nunca se teria mostrado tão pertinaz na defesa dos seus pontos de vista. O antagonismo dela inspirava-o, empurrava-o para posições cada vez mais extremas; e quando chegou a altura de deixar o apartamento materno e partir para a universidade, Willy atribuíra-se já, de forma indelével, o seu papel preferido: o contestatário, o rebelde, o poeta proscrito rondando as sarjetas de um mundo em ruínas.

Só Deus sabe quantas drogas o rapaz ingeriu nos dois anos e meio que passou em Morningside Heights⁸. Digam o nome de uma substância ilegal e creiam que Willy ou a fumou, ou a inalou, ou a meteu nas veias. Uma coisa é andar para aí armado em segundo advento de François Villon, mas experiente-se administrar a um jovem instável uma quantidade de preparados tóxicos suficiente para encher uma lixeira nas Jersey Meadowlands e é certo e sabido que a química do corpo do dito jovem estará condenada a sofrer grandes abalos. É natural que mais tarde ou mais cedo Willy acabasse por passar-se dos carretos, mas haverá alguém capaz de defender que o psica-délico tudo ao molho e fé em Deus dos seus tempos de estudante não acelerou o processo? Quando, certa tarde a meio do terceiro ano de faculdade, o seu colega entrou no quarto que partilhavam e deu com Willy nuzinho em pêlo no chão entoando nomes da lista telefónica de Manhattan e comendo de uma tigela cheia com os seus próprios excrementos, a carreira académica do futuro dono de Mr. Bones chegou abrupta e definitivamente ao fim.

⁸ Zona de Nova Iorque onde se situa na Universidade de Columbia. (*N. do T.*)

Seguiu-se o manicómio e, posteriormente, o regresso de Willy ao apartamento da mãe, na Avenida Glenwood. Não era por certo o sítio ideal para se viver, talvez não o fosse de facto, mas para onde é que um tipo esgotado e gasto como o pobre Willy havia de ir senão para a casa da mãe? Nos primeiros seis meses, o arranjo não deu em nada de bom. Tirando o facto de Willy ter trocado as drogas pelo álcool, as coisas voltaram basicamente ao mesmo. As mesmas tensões, os mesmos conflitos, os mesmos desentendimentos. Então, sem mais nem menos, em fins de Dezembro de 1969, Willy teve uma visão que mudou tudo, o encontro místico com a beatitude o que o pôs completamente virado do avesso e deu à sua vida um rumo inteiramente novo.

Eram duas e meia da manhã. A mãe deitara-se já há bastante tempo e Willy estava acampado no sofá da sala de estar com um maço de *Luckies* e uma garrafa de *bourbon*, a ver televisão pelo canto do olho. A televisão era para ele um novo hábito, um subproduto da sua recente estada no hospital. Não se interessava especialmente pelas imagens que passavam no ecrã, mas gostava de ter o zumbido e o brilho da TV como pano de fundo; as sombras azuis-acinzentadas que o aparelho projectava nas paredes deixavam-no mais confortado. Estava a passar um filme daqueles que costumam ser exibidos às tantas da madrugada (qualquer coisa relacionada com gafanhotos gigantes que andavam a devorar os habitantes de Sacramento, na Califórnia), mas a maior parte da emissão fora dedicada a ruidosas exortações encomendadas por milagrosos produtos de ponta: facas que nunca ficavam rombas, lâmpadas que nunca se fundiam, loções à base de uma fórmula secreta que acabavam com a maldição da calvície. Treta, tudo treta, murmurou Willy para si mesmo, é sempre a mesma conversa de chacha. Contudo, no preciso momento em que se preparava para se levantar e desligar a televisão, apareceu um novo anúncio e, de repente, lá estava o Pai Natal a sair disparado de uma lareira qualquer numa sala de estar que tinha tudo para ser uma moradia suburbana em Massapequa⁹, Long Island. Como

⁹ Massapequa foi já considerada a quinta-essência do subúrbio americano (obviamente, entenda-se o termo «subúrbio» no contexto americano). (*N. do T.*)

o Natal estava à portar, Willy já tinha apanhado com uma quantidade de anúncios com tipos vestidos à Pai Natal. Mas aquele era melhor do que a grande maioria: um sujeito rechonchudo, com umas faces muito rosadas e uma barba branca que era mesmo dele e tudo. Willy parou para ver que tal é que era a lábia daquele, convicto de que ia ouvir qualquer coisa sobre champôs para tapetes ou alarmes contra ladrões, quando, de súbito, o Pai Natal proferiu as palavras que iriam mudar o seu destino.

— William Gurevitch — disse o Pai Natal. — Sim, William Gurevitch, de Brooklyn, Nova Iorque, é contigo que estou a falar.

Willy bebera apenas meia garrafa nessa noite e fazia oito meses que tivera a sua última grande alucinação. Não, não! Não ia permitir que o aldrabassem e que o convencessem a engolir aquele lixo. Sabia muito bem distinguir entre a realidade e as histórias da carochinha, e se o Pai Natal estava a falar com ele na televisão da mãe, então isso só podia ter um significado: estava muito mais bêbedo do que supunha.

— Vai-te foder, pá! — disse Willy, e, sem pensar mais no assunto, desligou o televisor.

Infelizmente, não conseguiu deixar as coisas nesse pé. Ou por mera curiosidade, ou porque queria certificar-se de que não estava a passar-se de novo para o outro lado, decidiu que não fazia mal nenhum se voltasse a ligar a televisão — só para uma espreitadela, uma última espreitadelazinha. Sim, de facto, que mal é que fazia? Antes ficar a saber a verdade do que andar com aquela merdosa embalagem natalícia a consumir-lhe a cabeça nos próximos quarenta anos.

E, imagine-se, lá estava ele outra vez! Lá estava o raio do Pai Natal apontando o dedo a Willy e abanando a cabeça com uma expressão triste e desapontada. Quando abriu a boca e começou a falar (retomando o seu discurso precisamente no sítio onde o deixara dez segundos antes), Willy ficou sem saber se havia de desatar à gargalhada ou atirar-se da janela. Aquilo estava mesmo a acontecer, pessoal! Aquilo que não podia acontecer, estava a acontecer; e naquele preciso instante e naquela precisa sala, Willy soube que, para ele, nada no mundo voltaria a ter o mesmo aspecto.

— Não está certo o que tu me fizeste, William — disse o Pai Natal.